

Esta obra não pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer processo, à excepção de excertos para divulgação. Reservados todos os direitos, de acordo com a legislação em vigor.

ÍNDICE

EDITORIAL..... 5

ANTÓNIO TELMO, UMA DÉCADA APÓS A SUA PARTIDA

UM OLHAR DE ANTÓNIO TELMO NA SIMBÓLICA DE PRESTES JOÃO Abel de Lacerda Botelho	8
ANTÓNIO TELMO: QUEM SOU EU AQUI? Carlos Aurélio	16
DA PERIFERIA AO CENTRO Carlos Vargas	23
DIVAGAÇÕES EM TORNO DO <i>SER</i> POÉTICO-FILOSÓFICO SAUDOSO: A PROPOSITO DOS <i>RIZMOS</i> BERGSONIANOS DE ANTÓNIO TELMO César Tomé	24
DE UMA CARTA DE ANTÓNIO TELMO SOBRE A RAINHA SANTA ISABEL Eduardo Aroso	30
ANTÓNIO TELMO E O CICLO DA HERMENÊUTICA João Luis Ferreira	37
O LETRADO ANTÓNIO TELMO Joaquim Domingues	41
ANTÓNIO TELMO: HUMILDADE ESPIRITUAL E INICIAÇÃO MAÇÓNICA Pedro Martins	44
DA CONVERSA À CONVERSÃO Pedro Simão	62
A IDEIA DE PÁTRIA EM ANTÓNIO TELMO Renato Epifânio	64
ANTÓNIO TELMO: UMA ARTE POÉTICA PARA UMA POÉTICA DA ARTE Risoleta C. Pinto Pedro	67
UM SEGREDO DO ALTO-MAR Rodrigo Sotral Cunha	75
A REALIDADE TRANSCENDENTE E ESPIRITUAL DA REDENÇÃO DO MUNDO EM ANTÓNIO TELMO Samuel Dimas	78

NA MORTE DE EDUARDO LOURENÇO

ABERTURA DE “UMA VIAGEM COM PESSOA, NIETZSCHE E KIERKEGAARD” Eduardo Lourenço & Luis de Barreiros Tavares	84
EDUARDO LOURENÇO, LEITOR: REVISITAÇÃO Annabela Rita	89
CINCO PARÁGRAFOS EM CRESCENDO PARA O HOMEM QUE VENCEU A MORTE EM VIDA António José Borges	94
A MEMÓRIA E O MAL SEGUNDO EDUARDO LOURENÇO Carlos Inglejira	95
EDUARDO LOURENÇO: O ORTÓNIMO E ALGUNS DOS SEUS HETERÓNIMOS Gabriel Magalhães	106
<i>EX NIHILLO NIHIL FIT</i> Isabel Ponce de León	108
NA MORTE DE EDUARDO LOURENÇO José Carlos Seabra Pereira	111
DES-CONCERTANTE EDUARDO: LOUVOR E SIMPLIFICAÇÃO DE EDUARDO LOURENÇO José Eduardo Reis	112
SAUDAÇÃO AO IRMÃO HUMANO EDUARDO LOURENÇO Manuel Ferreira Patrício	118
EDUARDO LOURENÇO E O PENSAMENTO DA RELAÇÃO Maria Graziete Besse	119
O <i>LABIRINTO DA SAUDADE</i> DE EDUARDO LOURENÇO: “UMA VIAGEM DENTRO DE NOS MESMOS” Annabela Rita	124
EDUARDO LOURENÇO E A EUROPA Miguel Real	128
EDUARDO LOURENÇO COMO MITO CULTURAL Renato Epifânio	130

OUTROS VULTOS

ABRANCHES DE SOVERAL António Braz Teixeira	134
AGOSTINHO DA SILVA José Luis Basto	138
ANTÓNIO SALVADO Luis G. Soto	140
CELINA PEREIRA Eter Manuel Carlos	145
CLARICE LISPECTOR Lurdes Mara Oliveira de Albuquerque	147
CRUZEIRO SEIXAS José Almeida	150

TÍTULO

Nova Águia – N.º 27 – 1.º Semestre 2021

AUTORES

Vários Autores

DIRECTOR

Renato Epifânio

VICE-DIRECTORES

Anna Galvão, António José Borges, José Almeida, Luis Lóia, Luis de Barreiros Tavares, Luísa Janeirinho, Maria João Carvalho, Maria Luísa Francisco, Nuno Sotro Mayor Ferrão e Samuel Dimas

ILUSTRAÇÕES (INTERIOR)

Délio Vargas

EDITOR

Alexandre Gabriel

1.ª Edição: Abril de 2021

ISSN: 1647-2802

DEPÓSITO LEGAL: 276 328/08

IMPRESSÃO: DPS

© 2021, Nova Águia & Zéfiro



Zéfiro – Edições e Actividades Culturais, Unipessoal Lda.

Apartado 21 – 2711-953 Sintra – Portugal

EMAIL: zefiro@zefiro.pt



WWW.ZEFIRO.PT

CRUZEIRO SEIXAS: O ÚLTIMO SURREALISTA PORTUGUÊS

José Almeida

“Antes de mais, há uma coisa que eu sempre teinho dito, e que já disse em diversas entrevistas – já não tem novidade nenhuma – é que não sou nem um intelectual, nem um artista. E repito a frase, exactamente, porque não encontro outra melhor”. Foi desta forma despretenciosamente humilde que Cruzeiro Seixas se posicionou e auto-caracterizou antes de começar, a responder às perguntas de uma entrevista integrada no quinto e último número da revista “Entre” que lhe foi dedicada na segunda metade de 2014. Último representante do movimento surrealista português – que integrou nomes como Mário Cesariny, António Maria Lisboa, Alexandre O’Neill, Pedro Oom, António Dacosta, Fernando de Lemos, entre outros –, o autor de “Eu Falo em Chamas” trilhou uma vida de aventura, transgressão, criação, mas também de reflexão.

A sua breve passagem pela marinha mercante, em inícios da década de 1950, permitiu-lhe conhecer uma parte do Império Português, assente nos continentes africano e asiático. Não obstante o seu olhar crítico face ao ultramar, Cruzeiro Seixas não conseguia deixar de admirar o resultado cultural, civilizacional e espiritual da gesta portuguesa, salvaguardando sempre a singular natureza do Homem Português, contrariando assim a tendência anti-portuguesa de grande parte dos seus congéneres surrealistas. As impressões da paisagem africana fizeram-no fixar em Angola onde pôde desenvolver uma vasta actividade cultural e artística que, mais tarde, prosseguiria na metrópole após o seu regresso a Lisboa e, posteriormente, na sua passagem pela região do Algarve. As suas pinturas e ilustrações figuraram em inúmeras exposições e edições como, por exemplo, a célebre e histórica “Antologia de Poesia Portuguesa Erotica e Satírica”, organizada por Natália Correia.

Nos últimos anos a sua obra poética, pictórica e escultórica foi sendo estudada e valorizada

A poesia é a língua original dum povo e é, portanto, da essência da poesia também que a essência da língua poderá ser compreendida. A língua dum povo é dádiva dos seus poetas. A poesia não é, pois, um dos aspectos da cultura dum povo, nem uma forma de expressão dessa cultura, mas o fundamento que suporta a história do povo. Linguagem e poesia pertencem-se intimamente e intimamente se possibilitam. Não há história sem linguagem e não há linguagem sem poesia. A presença humana é, neste sentido, sempre poética.

DELFIEM SANTOS

A metafísica é um ramo da literatura fantástica.

JORGE LUIS BORGES

A relação entre a filosofia, a poesia e a literatura já vem de longe. Melhor dizendo, a filosofia afirmou-se em confronto com a poesia e literatura, sem, contudo, nunca se separar delas. E a afinidade ao longo do tempo não melhorou. Paul Valéry (1871-1945), já depois do primeiro quartel do século XX, contrinuava a identificar a dificuldade da relação:

frequentemente opõe-se a ideia de Poesia à de Pensamento, e sobretudo de ‘Pensamento Abstrato’ [...] Se se encontra profundidade num poeta, essa profundidade parece ser de natureza completamente diferente da de um filósofo ou de um sábio¹.

Mesmo que, em seu entender a verdadeira filosofia não esteja:

nos objetos da nossa reflexão, e sim mais no próprio ato de pensar e na sua maneira de o fazer.

¹ Paul Valéry, *Discurso sobre a estética. Poesia e pensamento abstrato*, Lisboa, Vega, 1996, p. 53.

DELFIEM SANTOS: POESIA E PENSAMENTO ABSTRATO

Artur Manso

Retirarei à metafísica todos os seus termos favoritos ou particulares, todo o seu vocabulário tradicional e verificaréis talvez que em nada empobreceu o pensamento (Ibidem, pp. 85-86).

Chegados ao fim do século XX, sob o domínio da tecnologia e do digital, afastados da tradição humanista pelo peso da escola que se tornou obrigatória e, portanto, produtora de técnicos e fazedores de coisas, a reflexão centra-se, novamente, no campo das humanidades que deixaram de ter qualquer interesse e é neste cenário que o pensamento abstrato de pendor filosófico tem vindo a explorar uma via interdisciplinar, tentando voltar ao que realmente era no início. A este respeito, o filósofo alemão Heidegger (1889-1976) que tão bem soube explorar esta aproximação, refere:

O dizer projetante é Poesia: a fábula do mundo e da terra, a fábula do espaço de jogo do seu combate e, assim, do lugar de toda a proximidade e afastamento dos deuses. A Poesia é a fábula da desocultação do ente. Cada língua é o acontecimento do dizer, no qual, para um povo, emerge historicamente o seu mundo e se salvaguarda a terra como reserva².

Como se verá, o pensamento português de início de século XX constituiu-se como pioneiro deste novo modo de pensar, juntando filosofia e poesia na procura do sentido ético, estético, religioso e político, enquanto modos de retornar à unidade existencial para a qual também o discurso mitológico aponta. Repor e aprofundar o dizer poético em que a filosofia se originou e a linguagem em que também se expressou, de que são exemplo, entre outros, Parménides e Empédocles, mas também Platão cujo pensamento é

² Martin Heidegger, *A origem da obra de arte*, Lisboa, Edições 70, 2016, p. 61.

exposto na mais requintada linguagem poética e literária. Não espanta por isso que o autor existencialista com tanto eco na filosofia ocidental, Albert Camus (1913-1960) tivesse afirmado que «os grandes romancistas são romancistas filosóficos», apontando, entre eles, Sade e Dostoiévski, Malraux e Kafka. E eram tão filósofos que a filosofia passou a integrar as suas obras, pois é importante que ela seja capaz de se dizer, cada vez mais, numa linguagem poética e literária e não em linguagem científica e abstrata. Como nota George Steiner:

Todos os atos filosóficos, todo o esforço que visa pensar o pensamento, com a possível exceção da lógica formal (matemática) e simbólica, são irremediavelmente linguísticos. Realizam-se, e tornam-se seus reféns, através de um ou de outro movimento do discurso, de uma codificação verbal e gramatical. Oral ou escrita, a proposição filosófica, a formulação e a comunicação do argumento dependem da dinâmica e dos limites executivos do discurso humano³.

Por assim ser, as colisões e as convivências, as interpenetrações e misturas entre a filosofia e a literatura e entre o poema e o tratado metafísico continuam a persistir. Afinal a realidade diz-se pela linguagem, seja ela qual for e explicita-se pela metáfora. Não há outra maneira de proceder. Esta reflexão animou, também, com alguma originalidade, o pensamento português. Como refere Manuel Antunes (1918-1985), a propósito do valor da poesia na educação, depois de ter tido um grande papel na Grécia antiga e Roma, desde a Renascença a ocupar um lugar meramente lúdico e, portanto, na atualidade:

Urge restabelecer o equilíbrio, urge re-interiorizar o homem. Nesse trabalho, está reservado à poesia um papel de relevo [...]. E esse papel compete tanto à poesia moderna como à poesia clássica; tanto à poesia intelectual, mais fundada no sentido interno, no nexo lógico das palavras e das frases [...] como à poesia sugestiva, em que o sentimento vem mais da atmosfera que as mesmas palavras, com as suas inesperadas combinações de som e ritmos, criam, induzem ou evocam [...]

³ George Steiner, *A poesia do pensamento*, Lisboa, Relógio D'Água, 2012, p. 13.

como [...] a poesia latina, a poesia alemã e a poesia inglesa, na sua história mais constante, às quais poderia acrescentar-se parte da nossa poesia portuguesa; tanto à poesia exercício do espírito como à poesia expressão do sentimento⁴.

Como refere Delfim Santos, citando Gaston Berger, “Tudo começa com a poesia (fazer), tudo se cumpre com a técnica, e, acrescentamos nós, inclusive a própria poesia⁵”. Poucas dúvidas restam do valor intrínseco da emoção e da especulação na procura do sentido da existência humana, como também é de assinalar que todos os discursos sobre a realidade, têm em si a própria razão de ser que se reconhece na cooperação e não na exclusão, nas várias maneiras de dizer e não no mimetismo de um discurso monolítico repetido desde há séculos. Afinal, o termo “filosofia” surge para afirmar o processo de reflexão sobre tudo que interessa ao Homem, com um discurso distinto das ciências naturais e da matemática, mas encerrar essa mudança pressupõe que se compreenda, como lembra Júlio Fragata (1920-1985) que:

A Filosofia só pode atingir o seu objeto como em espelho. As verdades que ela intenciona nunca são vistas em si mesmas, mas só ‘como implicadas’ no imediatamente visível ou no ‘representado’⁶.

Daí, a dificuldade do seu discurso. A filosofia surgiu em confronto com a poesia e a mitologia, mas por ser assim, não impediu que o mito, a poesia e a filosofia tenham sido os grandes temas da reflexão de diversos filósofos, em plena consonância e complementaridade com a atitude racional, como é bem patente nos diálogos platónicos. A relação de continuidade entre o mito e a filosofia, apesar desta se ter afirmado como um exercício racional, nunca foi quebrada como mostram, entre outros autores, F. M. Cornford e Jean-Pierre Vernant.

O início do século XX em Portugal, antecipando outras correntes de pensamento, ganhou uma nova expressão quando refletiu mais profundamente a relação filosofia e poesia. Para Leonardo Coimbra (1883-1936) era pela poesia

⁴ Manuel Antunes, “Do valor educativo e atual da poesia”, in *Obra completa*, vol. 3, Lisboa, F. C. G., 2005, pp. 137-138.

⁵ Delfim Santos, “A técnica, fundamento da cultura”, in *Obra completa*, vol. 3, 2ª ed. Lisboa, F.C.G., 1987, p. 510.

⁶ Júlio Fragata, “A Filosofia e o saber”, Separata da *Revista Portuguesa de Filosofia*, 42 (1-2), 1985, p. 7.

que os portugueses deveriam aceder à sua metafísica própria, pois considerava que “A maior criação intelectual dos portugueses é a poesia⁷”, linha de reflexão que é assumida pelo poeta filósofo Teixeira de Pascoaes (1877-1952) para quem “A origem da Filosofia está neste dom da inspiração poética, que tem, em nós, a mesma vida dos instintos⁸”. Fernando Pessoa (1888-1935) continuou a mesma cogitação e defendeu, na fundamentação da nova poesia nacional que anunciava em Portugal, da qual era um dos mais destacados representantes, que tal atributo se devia ao facto de se apresentar “com ideias pessoais, sentimentos especiais, modos de expressão especiais e distintos de um movimento literário completamente português⁹”. Para que não restasse qualquer dúvida sobre o sentido nacionalista da nova poesia, procedeu à distinção entre a:

‘filosofia’ pensamento individual e a ‘filosofia’ sentimento poético. – Tanto a filosofia do filósofo como a do poeta são questões de temperamento, mas ao passo que o temperamento do filósofo é intelectual, o do poeta é emocional [...] é, portanto, a filosofia do poeta e não a do filósofo, que representa a alma da raça a que ele pertence (Ibidem, p. 1190).

Desta tradição não podemos excluir, naturalmente, um dos seus percursos mais influentes, Antero de Quental (1842-1891). De certo modo, Amorim de Carvalho (1904-1976) resume bem esta corrente quando escreve que:

A poesia é o pensamento filosófico ou não, em idealidade, isto é, sem necessários argumentos, ou provas, ou razões validamente discursivas [...] sendo o pensamento dado em valor de idealidade¹⁰.

Daqui infere-se, portanto que a poesia portuguesa, desde Camões até à actualidade, mantém um preponderante cunho filosófico. Implícito a todos os elementos deste movimento parece

⁷ Leonardo Coimbra, “A poesia e a filosofia moderna em Portugal”, in *Obra completa*, vol. 3, Lisboa, IN-CM, 2006, p. 217.

⁸ Teixeira de Pascoaes, *A saudade e o saudosismo*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1988, p. 232.

⁹ Fernando Pessoa, “Sobre a poesia portuguesa, em visões de conjunto”, in *Obra de Fernando Pessoa*, vol. 2, Porto, Lello & Irmão, 1986, p. 1152.

¹⁰ Amorim de Carvalho, *Deus e o homem na poesia e na filosofia*, Porto, Figueirinhas, 1958, p. 11.

estar a ideia de que a verdadeira filosofia portuguesa se revela numa espécie de pensamento poeante, pois se a razão de ser da filosofia é a procura incessante do mistério da existência, o mesmo só poderá ser entrevisto com o recurso poético que penetra o mais íntimo de cada ser. Vejamos, então, como se insere a reflexão de Delfim Santos (1907-1966) neste movimento. Quanto à literatura portuguesa, em um pequeno texto sobre Raul Brandão diz-nos que ela:

é uma seara pobre e ressequida onde, de quando em quando, aparecem obras de valor humano, profundo e vital, contrastando grandemente com o aspeto seco e vazio de idéias, que caracteriza a maior parte das obras dos nossos literatos¹¹.

No mesmo texto reconhece que há autores portugueses que escrevem bem e dominam a técnica da escrita, mas continua a faltar a quase todos um verdadeiro interesse pela profundidade da condição humana, nomeadamente pelo drama em que parece estar inserida. Destas premissas conclui:

que a literatura portuguesa é pobre, muito pobre [...] falta[-lhe] completamente um dos ramos mais vigorosos e fecundos, porventura, até, aquele que permite valorizar, com mais acerto e propriedade, qualquer literatura. Refirimo-nos à literatura de análise de descrição da vida interior; do homem de carne, osso e alma e não do fictício e artificial homem de fraque e luvras brancas (Ibidem).

Desta forma, a propósito da obra de um escritor onde a condição humana ocupa lugar de destaque, Delfim Santos, aponta a falta de um cunho filosófico à literatura portuguesa. Mas este desabafo era sobre a literatura e não sobre a poesia. Esta espécie de falta de assunto existencial que percorre diversas configurações da experiência humana não era exclusiva da literatura. Delfim Santos, encontrava-a também na generalidade da construção científica:

Os autênticos problemas, no aspeto metafísico que eles sempre têm, apresentam-se escandalosamente sem relações a premissas referenciáveis. A sua zona de existência é a região da vida que não tem supostos e a região do pensamento que não

¹¹ Delfim Santos, “A propósito da obra de Raul Brandão”, in *Obra Completa*, vol. 3, p. 331.

tem premissas. A verdadeira questão tem origem no incondicionado e a filosofia compreende-lo-á tanto melhor quanto mais incondicionada for a região de reflexão donde partir; o contrário deverá ser dito para a ciência, cuja atividade consiste em condicionar preliminarmente as regiões particulares da experiência a que todo o saber se deverá referir univocamente¹².

A filosofia, de facto, atende a todas as preocupações que em cada tempo e lugar inquietam o homem e por isso não pode excluir nem a antropologia, nem a gnosiotologia, nem a lógica nem a metafísica ou a ontologia, porque o homem é um ser situado e em relação, que propõe diversos modos de interpretar a realidade, tendo como preocupação máxima refletir sobre a sua situação atual e o destino que lhe caberá. De certo modo o homem cria e inventa para fugir à situação de abandono onde foi lançado sem saber a razão. Mas também o faz porque sente necessidade de uma aplicação prática e compreensível para os recursos a que vai procedendo no acumular das suas experiências.

Em *Heidegger e Hölderlin ou a essência da poesia* Delfim Santos centra-se sobre a atitude poética enquanto forma de pensamento teórico elaborado, cuja razão de ser é a linguagem em que assenta o seu conteúdo. A poesia é uma forma de dizer o mundo em que ganha relevo a linguagem metafórica e por isso mantém-se sempre na vizinhança do pensamento especulativo e filosófico. O trabalho filosófico circula em torno do que falta dizer e do que não se dá imediatamente à experiência humana e para marcar ainda mais o parentesco entre o discurso que a filosofia permite e a linguagem poética, esclarece:

poesia é a língua original dum povo e é, pois, um dos aspetos da cultura dum povo [...] o fundamento que suporta a história do povo [...]. A fundamentação do ser está, pois, em relação com os sinais divinos que só o poeta apercebe. A poesia é, também, interpretação da voz do povo, e a sua essência é assim algo intermediário entre os sinais dos deuses e a voz do povo¹³.

¹² Delfim Santos, "Da filosofia", in *Obras completas*, vol. 1, 2.ª ed., Lisboa, F.C.G., 1982, pp. 239-240.

¹³ "Heidegger e Hölderlin ou a essência da poesia", in *Obras completas*, vol. 3, pp. 338-339.

A justificação do ser não prescinde do discurso poético e a fundamentação filosófica daquilo que existe e da totalidade das explicações da humanidade, ficaria incompleta sem o dizer poético, tal como acontece nos nossos dias onde a poesia quase não tem lugar e a filosofia, para tentar sobreviver, afasta-se das suas origens. Esta foi a técnica que a sofística impôs: saber para dominar e obter proveito pessoal, à qual Sócrates contrapôs um discurso filosófico dirigido à totalidade do homem que orienta a sua existência pela justiça, o bem e a verdade, verdadeiros ideais e não factos limitadores. Para readquirir este desiderato, a filosofia deve inserir-se numa teoria da cultura que terá de ser sempre filosófica e de estatuto universal, interrogando todos os saberes sem se acantonar em nenhum em especial, pois a ela compete arranjar formas de:

Como revelar o essencialmente humano ao próprio homem? É esta a missão última de todas as formas de cultura que o homem criou e entre elas, por excelência, a missão da arte, da literatura e da filosofia¹⁴.

A inquietação existencial revela-nos o homem ocidental entredado no desejo de conquista e esquecido de voltar a si mesmo e nesse lugar onde, por vontade própria permanece está cada vez mais ausente de si, depois de ter constatado que:

não é a ciência que fundamenta a técnica, mas a técnica que fundamenta a ciência, na medida em que lhe permite a enunciação de regas de comportamento com mais vasta generalidade. Este progresso condiciona outras formas de revelação e desvendamento da experiência que com a ciência se costumam citar: a filosofia, a arte e a religião¹⁵.

A ciência expõe o acesso às novas descobertas, mas a técnica as irá realizar e no resgate do humano a filosofia está em boa companhia, pois mesmo que:

aparentemente estranha à técnica, é ela própria 'técnica', na medida em que, adaptando o pensamento humano metodologicamente ao conhecimento das diferentes regiões que constituem a realidade, é o órgão por excelência da instrumentação apta para o desvendamento dos princípios e modalidades do conhecimento (Ibidem, pp. 503-504).

¹⁴ "Meditação sobre a cultura", in *ibidem*, p. 407.

¹⁵ "A técnica, fundamento da cultura", in *ibidem*, p. 497.

Podem ser que sim, mas os procedimentos não são os mesmos. A forma que o discurso filosófico tem de dizer a realidade, necessita da palavra e por isso Delfim Santos segue a tradição do pensamento português que considera que a filosofia e a filologia estão intimamente ligadas, o que possibilita que um discurso poético, ou um verso possa:

ter um conteúdo pobre e, todavia, revelar um grande valor poético; um sistema filosófico não vale só pelo seu conteúdo afirmativo, mas muito mais pela forma de pensamento que nos oferece¹⁶.

A expressão poética é uma forma de pensamento teórico elaborado, tanto mais que a sua razão de ser é a expressão em que assenta o seu conteúdo. É uma configuração do mundo em que ganha relevo a linguagem metafórica e por isso mantém-se sempre na vizinhança do pensamento especulativo e filosófico. Naturalmente, à reflexão filosófica não serve qualquer tipo de expressão poética, uma vez que:

A aparelhagem conceptual do filósofo não pode ser a aparelhagem conceptual de emprego na vida diária. Filosofia é uma eminente atividade de pensamento que, como tal, despreza toda a popularidade e os utensílios de que esta se serve (Ibidem, p. 334).

Delfim Santos estabelece uma profunda diferença entre uma poesia de sentimentos, digamos assim, egoístas e utilitários, e aquela que se entranha no mais profundo da condição humana, a única que interessa à filosofia:

O filósofo tem a missão de esclarecimento de aderências obscuras para além do pequeno mundo do homem vulgar. Quando este diz que não entende o filósofo ele nada diz que importe saber (Ibidem, pp. 334-335).

Portanto, se o pensamento especulativo for automaticamente acessível ao homem comum, o seu conteúdo terá de ser tão vago quanto o mundo desse homem. Sabemos que nem sempre é assim, pois não é raro que indivíduos de aspeto simples e descuidado se revelem possuidores de um vasto conhecimento. O filósofo portuense, continuando a seguir Heidegger na

interpretação da poesia de Hölderlin, faz a analogia poesia e jogo para mostrar que "nenhuma atividade revela o homem mais profundamente do que o jogo ou recreio", é o divertimento que mostra o homem na sua plenitude. Sendo assim, naturalmente, todo o trabalho tem de deixar de ser obrigação e alienação e encontrar o:

sentido profundo criador quando é recreio ou quando dá ao homem o mesmo equivalente emocional que o recreio lhe dá. Um trabalho que se opõe ao recreio não é verdadeiramente trabalho, é criação de fadiga (Ibidem, p. 335).

Da relação entre trabalho e jogo parece resultar a similitude poesia e pensamento, uma vez que Delfim Santos encara a poesia como um devaneio verbal e um divertimento através da palavra, cuja matéria é sempre do domínio verbal. A linguagem, seja qual for a sua manifestação, não acontece nem precede o pensamento, é-lhe conatural, pois como afirma numa expressão feliz:

A presença dos deuses e o aparecimento do mundo, como mundo, não são consequência da linguagem, mas com ela contemporâneos. E é no apelar para os deuses e na tradução verbal do mundo que o diálogo se manifesta e nós verdadeiramente somos. Mas a palavra que faz apelo aos deuses é já resposta e provém da responsabilidade dum destino (Ibidem, p. 337).

O que se intuiu, o que se vê, aquilo que se expressa e o que tenta nomear-se tem de se traduzir em linguagem e neste trabalho constante de expressar o quotidiano, o que fica é criado pelos poetas pois a poesia na sua essência é concebida, na e pela linguagem. A interpretação filosófica e a descrição do mundo que nos proporciona, giram em torno do que falta dizer e do que não se dá de forma imediata à experiência humana. É a linguagem poética que cria:

não somente no sentido de livre oferta da essência das coisas às próprias coisas, mas, também e simultaneamente, no sentido da firme fundamentação da presença humana. Esta, no seu mais profundo sentido, é sempre poética – e isto significa que ela é também uma dádiva ou oferta, como dádiva é o essencial que o poeta determina nas coisas (Ibidem, p. 338).

Não basta, contudo, encerrar a poesia como um jogo e o jogo como recriação poética pois se:

¹⁶ "Delfim Santos, Heidegger e Hölderlin ou a essência da poesia", p. 333.

A poesia parece uma atividade lúdica [...] há uma diferença a notar entre jogo e poesia: o jogo reúne os homens e de tal modo que cada um se esquece a si próprio; na poesia, o homem concentra-se no fundamento da sua própria presença (Ibidem).

O jogo da poesia está embrenhado na complexidade do pensar e liga-se ao mais íntimo da experiência humana porque:

é originalmente chamamento dos deuses e este apelar para os deuses é resposta a alguma coisa a que os deuses mesmos nos obrigam a responder. Mas como nos falamos os deuses? Por sinais. A missão do poeta consiste em surpreender estes sinais e em seguida revelá-los ao seu povo (Ibidem).

E para marcar ainda mais o parentesco entre o discurso filosófico e a linguagem poética, afirma:

A fundamentação do ser está, pois, em relação com os sinais divinos que só o poeta aprehe. A poesia

é, também, interpretação da voz do povo, e a sua essência é assim algo intermediário entre os sinais dos deuses e a voz do povo (Ibidem, p. 339).

O poeta é assim uma espécie de intermediário entre a voz do povo e os sinais dos deuses. A fundamentação do ser não prescinde do discurso poético e a justificação filosófica da totalidade das questões da humanidade, ficaria incompleta sem o contributo da poesia, atitude contrária ao que acontece nos nossos dias onde a poesia ocupa um lugar residual e a filosofia para sobreviver renega as suas origens para se afirmar apenas enquanto discurso acerca do verdadeiro e do falso, mero instrumento dos criadores de argumentários em que as sociedades democráticas assentam os fundamentos dos seus postulados, sendo, por isso, as justificações que apresentam, precárias, parciais e incompletas.

HOMENAGEM LUSÓFONA A GONÇALO RIBEIRO TELLES

Renato Epifânio

A 25 de Maio de 2017, dia em que Gonçalo Ribeiro Telles completou 95 anos de idade, decorreu no Salão Nobre do Palácio da Independência, em Lisboa, uma Homenagem a esta insigne personalidade que nos deixou recentemente, por iniciativa do Instituto Gonçalo Ribeiro Telles. O Presidente deste Instituto, o nosso amigo João Reis Gomes, convidou-nos a proferir uma breve alocução, com a qual convidamos de imediato, com a maior honra.

Nessa breve alocução, proferida de improviso, procurámos sobretudo justificar o quanto o pensamento e a obra de Gonçalo Ribeiro Telles mereciam o reconhecimento público de uma entidade como o MIL: Movimento Internacional Lusófono, algo que, à partida, poderia não parecer óbvio a todos os presentes na sessão.

que, em nome de um suposto amor abstracto pela Humanidade, parecem indiferentes aos concretos humanos que lhes estão mais próximos, o fundamental equivoco daqueles que, em nome de um suposto amor abstracto pelo “global”, parecem desprezar o “local”.

Contrapolarmente, a Lusofonia que mais importa realizar não poderá ser nunca um fim em si mesmo: um mero projecto abstracto, que não tenha em conta a realidade concreta de cada um de nós. A valorização dos elos linguísticos

– no caso, entre os muitos milhões de falantes da língua portuguesa – deve ser sobretudo um meio: não apenas para a valorização da língua como da nossa cultura, na sua multiformidade. E não apenas. Deve ser também um meio para cada comunidade de língua portuguesa valorizar devidamente o seu território. Com a cooperação activa de toda a comunidade lusófona, a nível global. Ainda e sempre, seguindo o insigne exemplo de Gonçalo Ribeiro Telles.

GUERRA JUNQUEIRO E A VOZ CÍVICA DO OUTRO

Mendo Castro Henriques

Ao Renato Epifânio
e a Henrique Manuel S. Pereira

POESIA MODERNA E A CRISE DA EXPERIÊNCIA HUMANA: HÁ MAIS LUZ NAS 24 LETRAS DO ALFABETO DO QUE EM TODAS AS CONSTELAÇÕES DO FIRMAMENTO

Nascido numa época em que os poetas tinham ressonância no espaço público, a voz de revolta de Guerra Junqueiro foi recolhendo louvores em vida, que a tornaram de leitura quase obrigatória em família, pelo que mesmo analfabetos sabiam de cor os seus poemas. A sua expertise de homem público, letrado e viajado, conferia densidade a criações que não se perdiam em mundos interiores acrisolados de poesia. Os seus poderosos traziam a influência de Victor Hugo – “Em Hugo adoremos o verbo de esperança/ o Deus-germinal” – das estrofes de Baudelaire, da historiografia de Jules Michelet e das visões de Proudhon e de algum Hegel. As intervenções do último poeta célebre à pátria desciam da intelectualidade de círculos restritos para a rua, onde tinha popularidade.

Filho de família abastada, Junqueiro abandona Teologia, forma-se em Direito e estreia-se na

literatura da modernidade contra a *sentimentalidade doentia do romantismo desgrenhado e piegas*¹.

A sua obra vem encurtar a distância que separava Portugal da Europa, o desiderato maior da geração de 70, e é elogiada por contemporâneos como Camilo, Eça e Bruno e abre caminho para a nova poesia portuguesa de Nobre, Pascoaes e Pessoa. Segundo este, com a publicação de *Pátria, Os Lusitadas ocupam honradamente o segundo lugar na literatura nacional*². Teixeira de Pascoaes falaria de *livros sagrados [...] depositários da alma pátria*, e o seu autor, *o seu escultor espiritual*³.

Não obstante esta fortuna crítica favorável, verificamos desencontros nas apreciações. Um dia, disse Guerra Junqueiro ao seu amigo Luís de Oliveira Guimarães: *Os políticos consideram-me um poeta; os poetas, um político; os católicos julgam-me um ímpio; os ateus, um crente*⁴. Helena Rocha Pereira, escreveria: *Entre os grandes poetas que brilharam na segunda metade do nosso século XIX, nenhum provocou mais descontrações*

¹ Guerra Junqueiro, Prefácio à segunda edição de *A Morte de D. João*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 8.ª edição, 1908.

² Fernando Pessoa, *apud* José Augusto Seabra, *A Pátria como Renascença*, Lello Editores, 1998, p. 430.

³ Teixeira de Pascoaes, «O Espírito Lusitano ou o Saudosismo», in *Renascença Portuguesa*, Porto, Junho de 1912, p. 14.

⁴ Luís de Oliveira Guimarães, *Junqueiro e a Bric-a-brac*, Lisboa, 1942.